

# **A nova configuração de relacionamentos amorosos via Facebook**

Avance de investigación en curso

GT 26 - Sociología del corpo y de las emociones

Maria Rita Pereira Xavier

## **Resumo**

O trabalho provém de pesquisa de mestrado sobre as novas configurações de relações interpessoais geradas através da internet. Elas são interessantes porque possibilitam ao indivíduo possuir conexões com os outros através de “clicks” de aceitação e isto proporciona a sensação de nunca estar sozinho, pois a qualquer momento pode-se apertar uma tecla e o “mundo” se apresenta na tela. Assim multiplicam-se os contatos e as possibilidades em pouquíssimo tempo. Porém essa agilidade, multiplicidade e dinâmica podem se converter em inúmeras maneiras de convívio e relações sociais. Desta maneira, tem-se por objetivo discutir quais as causas e consequências do uso da tecnologia para os relacionamentos interpessoais estabelecidos por meio das redes sociais virtuais na internet, tendo o Facebook, como exemplo.

**Palavras-chave:** Internet, Relações interpessoais, Redes sociais.

Há inúmeras maneiras de afetar e ser afetado e o ser humano depende das conexões que estabelece socialmente. De acordo com Bauman (2011), o contato é indispensável para a sobrevivência humana, a possibilidade de estar a sós nos apavora, procuramos a todo o momento nossos pares na esperança de estabelecermos conexões, e isto acontece desde os tempos mais remotos. Sloterdijk (2006) define o ser humano como o ser que só existe a partir do contato com o outro. Por sermos configuradores e habitantes de esferas, somos também seres culturais, que criam zonas de imunidade a partir de relações de aproximação e afastamento com os outros.

A casa do ser humano neolítico era uma sala de espera, que girava em torno dos períodos de plantação e colheita. Depois de semear era tempo de esperar até o amadurecimento para que se pudesse colher. Assim, as casas se constituíram para serem lugares de parada, salas de espera até a chegada de certo acontecimento. A habitação aparece como geradora de redundância, como máquina de hábitos, cuja tarefa é dividir em familiar ou não familiar a massa de sinais que chega do mundo de fora. Todos os sistemas de imunidade sociais humanos reivindicam um direito à defesa frente a transtornos, sem que haja necessidade de justificação. A partir disto, a internet pode ser interpretada como uma nova zona de imunidade estabelecida no mundo moderno. Pois proporciona contato ao mesmo tempo em que garante o isolamento, ambos tão cobiçados pelo homem.

O lugar de parada significa à espera pelo (fruto) maduro. Desta maneira, pode-se dizer que a espera pelo amadurecimento adquiriu na modernidade uma característica que amplia os sinais que anunciam o que acontece sobre e junto a nós. Essa espera receptiva foi projetada pelo mundo moderno em dispositivos técnicos, tais como aparelhos de rádio e telefone. A sua evolução foi marcada pela criação do walkman, um dos primeiros eletrônicos portáteis que possibilitaria escutar o mundo e não mais estar só,

seguido pela televisão que passou a estar presente em todos os cômodos da casa. E como um dispositivo de espera mais recente, aparece o computador. O preenchimento dos dias por esses ruídos aos poucos se tornaram as companhias para aliviar a dolorosa solidão. Este fato permite supor que as casas humanas têm sido sempre estações receptivas “do que vem de fora”. Numa leitura superficial também significaria dizer que os seres humanos, “presos” em suas habitações, estão buscando sempre libertar-se da trivialidade da espera pelo óbvio, estão sempre à espera que alguém chame. (Sloterdijk, 2006)

A criação do computador também permitiu que o homem pudesse recriar situações antes dependentes de uma série de fatores externos para acontecer. É o caso da música, que antes dependia apenas dos instrumentos musicais e agora pode ser eletrônica e das redes de convívio social, que giravam em torno de círculos familiares restritos e espaços públicos determinados para que pudessem acontecer. Nos dias de hoje, as formas e motivos para o contato ampliaram-se graças à invenção dessa máquina, que está se tornando uma extensão dos indivíduos, na maior parte das sociedades.

Porém, relacionar-se através de redes não se trata de novidade alguma, o componente de diferenciação da atualidade são as redes virtualmente concebidas, através da rede mundial de computadores. A tecnologia tem criado artifícios que contribuem para que encontros relacionais e afetivos sejam mais frequentes. Porém, para Recuero (2004) é preciso que se faça análise da motivação dessas conexões, que nem sempre são feitas de modo aleatório; assim como um estudo sobre o teor das interações e laços sociais que são estabelecidos na rede. Pois não se trata apenas de uma simples acumulação de laços, como se a relação entre as pessoas pudesse ser meramente reduzida a uma adição de amigos, sem qualquer custo envolvido. É preciso levar em conta também o contexto e o capital social envolvido em cada interação.

Proposições como as de Bauman (2004), Sennett (2012) e Illouz (2011) apontam para uma modificação nas relações interpessoais afetivas da sociedade atual e para uma participação ativa da internet nessa mudança. Para Bauman (2004), Os indivíduos estão sentindo a obrigação de amarrar no outro os laços que, por acaso, pretendessem usar com o restante da humanidade. Sentindo-se desligadas as pessoas sentem a necessidade de se conectar, porém nenhuma conexão consegue preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos da modernidade sólida e que não possuem mais uma garantia de permanência. Esses laços, então, só precisam estar frouxamente atados, para que possam ser desfeitos, sem demora, quando os cenários mudarem.

Desta maneira, a premissa é a de que as relações interpessoais afetivas viabilizadas pelas redes sociais apresentam características do mundo líquido moderno através do conceito de liquidez proposto por Bauman (2003). Nesta interpretação, a sociedade na qual estamos vivendo tem características atribuídas a uma metáfora em relação aos estados da matéria. Os líquidos não têm uma forma determinada, são representados pela fluidez porque se moldam conforme o recipiente no qual estiverem inseridos e diferem dos sólidos, que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldar-se a novas formas. A partir disto, pressuponho que semelhantes a outras instâncias da sociedade, as relações desenvolvidas através da internet, na sua maioria se constituem líquidas tal qual o mundo atual. Entendo-as como relações fluídas, que “escorrem entre os dedos”, “transbordam”, “vazam”; são relacionamentos que

preenchem vazios com leveza e fluidez tal qual o líquido, mas que não se configuram como duradouros.

Neste contexto, a internet está sendo responsabilizada por promover configurações diferentes de relações amorosas e/ou afetivas. Porém, acredito que estas são consequência de um fenômeno muito maior. As relações na internet costumam ser rotuladas como frágeis, volúveis e flexíveis, mas o que acontece é que elas são reflexo do que acontece na sociedade em geral. A concepção dominante é que para funcionar bem e produzir a satisfação prometida e esperada, os relacionamentos precisam de atenção e manutenção constantes. Por outro lado, quanto mais tempo duram, mais difícil torna-se manter essa atenção e manutenção necessárias cotidianamente.

Se no geral, a nossa sociedade tem características da liquidez e interpela seus indivíduos como consumidores em todos os contextos, isso significa dizer que estes indivíduos trarão consigo as perspectivas do consumo para as suas relações também. Segundo Bauman (2007) o mercado tem atuado como intermediário nas atividades de estabelecer e desmanchar relações interpessoais. É capaz de aproximar e separar pessoas, de alterar as relações humanas no trabalho e no lar, no domínio público e nos mais íntimos domínios privados; e de narra o viver como uma sucessão de problemas que quase sempre têm sua solução disponível nas prateleiras das lojas. Vende atalhos para todos os tipos de objetivos, fornece engenhocas e serviços sem os quais, na ausência de habilidades sociais, “relacionar-se” com outras pessoas e desenvolver um *modus vivendi* duradouro seriam tarefas assustadoras para um número cada vez maior de pessoas. Transmite aos lares a mensagem de que tudo é ou poderia ser uma mercadoria e como tal deve ser tratado. Isso significa dizer que as coisas deveriam ser “líquidas” como mercadorias e devem ser encaradas com suspeita ou rejeição caso se recusem a se enquadrar no padrão de pouca duração dos objetos de consumo. (Bauman, 2007)

Segundo Illouz (2011) a criação do capitalismo caminhou concomitante à criação de uma cultura afetiva intensamente especializada. O capitalismo afetivo pode ser traçado como uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, produzindo um movimento abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial da vida econômica e a vida afetiva segue a lógica das relações econômicas e da troca. A prerrogativa para isto é a de que os afetos não são pré-sociais ou pré-culturais são, na verdade, significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos. É essa compressão que lhes confere sua capacidade de energizar a ação e seu caráter pré-reflexivo, e frequentemente, semiconsciente. Os afetos são aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação, são assim não porque não contêm cultura e sociedade suficientes, mas por conterem excesso delas.

Neste sentido, se os indivíduos estiverem inseridos numa cultura na qual os produtos são feitos para envelhecer rapidamente e serem prontamente substituídos por outros, os seus afetos estarão impregnados destas concepções. E não é difícil supor que, nesses termos, é desagradável obter responsabilidade em um relacionamento prolongado que irá requerer benefícios tanto quanto despesas. Em resumo, nesta perspectiva as visões consumistas estendem-se à maneira com a qual os relacionamentos amorosos são vistos e encarados.

A mudança paradigmática aqui é que as coisas e as relações não são feitas para durar, pois o lixo é o produto final de toda ação de consumo. Desta maneira, as relações tendem a ser efêmeras por serem reflexos do modo como as pessoas se portam em todas

as outras instâncias da vida e não apenas na internet. Porém, devido a ferramentas específicas possuídas pela rede, esse comportamento tende a ser bem mais abrangente quanto se está em um contato mediado pela tecnologia.

Assim, além do aspecto do consumo nessa reflexão, é também fundamental uma análise sobre como essas ferramentas da tecnologia tornaram-se tão indispensáveis à vida de todos nos dias de hoje. Na tentativa de entender quais as vias utilizadas pela técnica para se expandir a ponto de influenciar e potencializar o modo como as relações são conduzidas. Outro ponto que se faz necessário é problematizar quais as consequências que o contínuo uso da rede traz para a vida das pessoas.

### **E o segredo da tecnologia, qual será?**

O sucesso da tecnologia se deve à sua proposição de ser a arquiteta das nossas intimidades, sua sedução gira em torno de um alvo específico: as vulnerabilidades humanas. (Turkle, 2011) Desta maneira, a internet por ser um objeto tecnológico inovador que instituiu uma nova configuração de espaço e tempo para a interação social, se configura como a invenção tecnológica que mais teve ferramentas adaptadas para o uso na sociabilidade e afetividade dos seres humanos. O ciberespaço estabeleceu novas possibilidades para a sociabilidade e promoveu novas formas de relações sociais, com novos códigos advindos de uma reestruturação de formas já conhecidas, de contato com o outro. O ato de estar conectado a uma rede social pode proporcionar ao indivíduo o sentimento de acesso ao mundo e de pertencimento ao grupo. Essas redes possibilitam iniciar contatos por meio de “clicks” de accept e também desfazê-los por “clicks” de delete. Com isto multiplicam-se os contatos e as possibilidades de relação com o outro num intervalo mínimo de tempo e isso pode promover a sensação de não estar sozinho nunca mais, pois a qualquer momento pode-se apertar uma tecla e o “mundo” se apresenta na sua tela. No mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado (Bauman, 2011). Porém essa agilidade, multiplicidade e dinâmica podem se converter em inúmeras maneiras de convívio e relações sociais.

Nós somos seres solitários sim, mas também somos receosos de intimidade. As conexões digitais podem oferecer a ilusão da companhia sem as demandas e obrigações da amizade. A vida social online permite esconder-se dos outros ainda que estejamos amarrados uns aos outros. Todos amam suas novas tecnologias de conexão, pois elas são capazes de fazer pais e filhos se sentirem mais seguros, de aproximar pessoas que estão geograficamente distantes ou que em outros tempos, provavelmente, não se conheceriam. Sem falar na revolução nos negócios, na educação, na medicina, na diversão etc. Não foi por acidente que corporações americanas escolheram sabores de doces e sorvetes para nomear seus dispositivos de conectividade, há mesmo uma doçura neles. (Turkle, 2011) Eles nos cativam mirando nos nossos pontos vulneráveis são responsáveis por readaptar a forma como nos relacionamos com as pessoas e com o mundo.

Essas mudanças têm aspectos positivos e negativos: locais virtuais, por exemplo, oferecem conexão, mas com uma advertência de que o compromisso é incerto. Nós não contamos com cyber-amigos quando estamos doentes, nem para celebrar o sucesso dos nossos filhos ou velar a morte dos nossos pais; as pessoas sabem disso, e ainda assim a

carga emocional no ciberespaço é alta. Se fala sobre a vida digital como “o lugar da esperança”, o lugar aonde algo novo acontece.

“In the past, one waited for the sound of the post - by carriage. Now, when there is a lull, we check our e-mail, texts, and messages.”<sup>1</sup>(Turkle, p.153, 2011)

Esses comportamentos são projetos da cultura. E aqui, entende-se o conceito de cultura empreendido por Bauman (1998) em “O mal-estar da pós-modernidade”, no qual o modelo seria o de cultura como consumidor cooperativo, onde não facilmente se consegue distinguir o “autor” do “agente”, pois espera que cada membro atue em ambos os papéis. Deste modo, cada sociedade modifica ou desenvolve uma fórmula mais geral pela qual as pessoas se relacionam socialmente, seja no amor, no trabalho, nas amizades, etc. O que as proposições aqui apontam é para uma alteração, já em curso, de como a sociedade atual está modificando ou reestruturando as relações sociais/interpessoais e de como a tecnologia tem o cursor dessa mudança nas mãos.

As substituições das portas de madeiras pelas telas digitais proporcionam a possibilidade constante de não mais estar sozinho. Segundo Bauman (2011) apertar um botão é o suficiente para obter uma companhia e todos parecem constantemente ao alcance de um chamado. Como se o pensamento geral fosse o de que “se eu estiver sempre conectado, pode ser que nunca esteja verdadeira e completamente só”. A internet se torna um dispositivo potencializador dessa ideia, pois possui a capacidade de encurtar significativamente as distâncias através da constante dinâmica do acesso a muitas informações e pessoas, simultaneamente. Neste sentido, multiplicam-se os contatos e as possibilidades, num intervalo muito curto de tempo.

Outro aspecto sedutor da tecnologia se configura no jogo de identidades instigado pela rede mundial de computadores e da possibilidade do “eu” assumir as mais diversas formas, a fim de adequar-se aos ambientes que se tem acesso virtualmente. Nossos “eus” online podem desenvolver personalidades distintas e aos nossos olhos se tornam nossa melhor versão. Quando parte da vida é vivida em lugares virtuais, seja em um jogo de computador ou em uma rede social, uma polêmica relação se desenvolve entre o que é a verdade e o que é “verdade aqui”, na simulação. Em jogos onde se interpreta um avatar, deixa-se de ser a si mesmo das formas mais reveladoras; em redes sociais, como o Facebook, pensa-se estar representando a si mesmos, mas o perfil termina sendo alguém diferente, com frequência se torna a fantasia de quem se gostaria de ser. Por outro lado, quando há muitos perfis e contas na rede, a identidade precisa ser uma negociação entre todos esses “eus” e o “eu físico. Nesse sentido, quando a identidade é múltipla, as pessoas se sentem inteiras não por que elas são unas, mas porque as relações entre os aspectos do “eu” são fluidas e não-defensivas<sup>2</sup>. Nós nos sentimos “nós mesmos” quando podemos nos mover facilmente entre os muitos aspectos do nosso “eu”. A partir disso, se poderia perguntar se não é confuso e exausto manter esse nomadismo virtual, mas a verdade é que na vida online os sites dão suporte ao “eu”. Cada site relembra as escolhas que se

---

<sup>1</sup>Tradução livre: “No passado, esperava-se pelo som do correio – de carroça, a pé ou caminhão. Agora, quando há uma calmaria, nós checamos nossos e-mails, mensagens de celular e mensagens”.

<sup>2</sup>Tradução livre para “undefensive”.

fez lá, o que foi dito sobre si mesmo e a história dos seus relacionamentos. (Turkle, 2011)

Aconectividade oferece novas possibilidades para a experimentação da identidade, a sensação de espaço livre chamada de *moratorium*. É um tempo relativamente livre de consequências, a vida real nem sempre promove esse tipo de espaço, mas a internet sim; nesses novos espaços pode-se reorganizar o que não pode ser resolvido e buscar experiências perdidas, não importa quão imperfeitose tenha sido ao longo da vida, a internet tornou-se um meio para explorar a identidade e corrigir aquilo que se deseja mudar. Turkle (2011) afirma que,

We may begin by thinking that e-mail, texts, and Facebook messaging are thin gruel but useful if the alternative is sparse communication with the people we care about. Then, we become accustomed to their special pleasures - we can have connection when and where we want or need it, and we can easily make it go away. In only a few more steps, you have people describing life on Facebook as better than anything they have ever known.<sup>3</sup>(p.152)

O *Facebook* é usado para compartilhar opiniões, músicas, fotos, etc. ele expande o alcance das preferências do sujeito numa comunidade de conhecimento com crescimento contínuo. E não importa quão esotérico seja o interesse, sempre se estará cercado de entusiastas em potencial, vindos de todos os lugares do mundo. Não importa quão paroquial seja a cultura ao redor, pode-se sempre ser cosmopolita online.

Através da tela é possível se sentir protegido e menos sobrecarregado de expectativas, além do já citado potencial de contato instantâneo, que fornece o sentimento animador de estar próximo ao outro. Nesse curioso espaço relacional, até os usuários mais sofisticados que sabem que a comunicação eletrônica pode ser salva, compartilhada e mostrada no tribunal, sucumbem à ilusão de privacidade. Sozinho com seus pensamentos, ainda assim em contato com a quase tangível fantasia do outro, sente-se livre para jogar/atuar. Na tela tem-se a chance de escrever a si mesmo como a pessoa que se quer ser e de imaginar os outros como se quer que eles sejam. Na rede constroem-se imagens de si mesmo e do outro sempre para propósitos próprios. Esse é um sedutor, mas perigoso hábito da mente, quando se cultiva essa sensibilidade, uma ligação pelo telefone pode parecer amedrontadora, porque revela demais. (Turkle, 2011)

As possibilidades são imensas e de fato, muito sedutoras. É possível fazer contato com outras pessoas sem necessariamente iniciar uma conversa perigosa e indesejável, pois se pode terminá-la ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, sem achar motivos para pedir desculpas ou mentir, basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de risco. (Bauman, 2011)

---

<sup>3</sup>Tradução livre: Talvez se comece pensando que e-mails, mensagens de celular e mensagens do Facebook são apenas um meio útil para aumentar a comunicação com as pessoas que gostamos. Porém depois, acostuma-se com seus prazeres especiais – nós podemos ter conexão quando e onde queremos ou precisamos e também podemos facilmente ir embora (ou nos desconectar) quando queremos; mais alguns estágios e haverá pessoas descrevendo a vida no Facebook como algo melhor do que tudo que já conheceram.

Online, nós nos sentimos melhorados. Porém, há o risco dese começar a ver os outros como objetos a serem acessados somente pelas partes úteis, confortáveis e divertidas. Para Turkle (2011) uma vez que se é retirado do fluxo da física, confuso, desarrumado – e a rede faz isso – há menos disposição a sair lá fora e dar uma chance ao que não é virtual. Há uma música que se tornou popular no *youtube* em 2010 e que ilustra bem isso chamada *Do you want to date my avatar?*<sup>4</sup>E que termina com a seguinte frase:

"And if you think I'm not the one, log off, log off and we'll be done"<sup>5</sup>(Turkle, 2011, p.154)

As relações virtuais contam mesmo com as teclas de “excluir”, com a remoção de spans e com a possível desconexão de uma das partes; esses atalhos são uma forma de seguro contra consequências inconvenientes, e principalmente, consumidoras de tempo da interação mais profunda. Bauman (2011) diz que o mundo online também cria uma multidão infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Com a internet, as tentações se multiplicam ao infinito; “Abre-se o mundo das possibilidades ilimitadas e também o horror das possibilidades ilimitadas”.

Todo esse aproximar-se e afastar-se para longe torna possível que o ser humano siga o impulso por liberdade e pertencimento, ao mesmo tempo em que pode protegê-lo dos anseios causados por ambos. Esses dois estímulos se fundem na tarefa de “tecer redes” e “sufar nelas”. A internet é dispositivo potencializador desta tendência de comportamento, pois torna possível aproximação e afastamento, ambos com muita facilidade. Para Bauman (2007), o ideal de conectividade luta para apreender a difícil dialética desses dois elementos inconciliáveis, pois promete uma navegação segura entre a solidão e o compromisso, já que nos chats o que importa não são as mensagens em si, mas a circulação delas. O ir e vir que formam a mensagem, se pertence à conversa e não ao conteúdo dela. Turkle (2011) segue essa linha de raciocínio ao interpretar que as mensagens virtuais certamente podem ser emotivas, tocantes e sexys, podem nos colocar pra cima e fazer-nos sentir compreendidos, desejados e amparados; mas, ainda assim, não são lugar para entender profundamente um problema ou para explicar uma situação complicada. Elas são *momentum*, e sendo assim servem apenas para preencher determinados momentos.

É notável a adaptação da internet às necessidades do humano que já existiam há muito tempo. Interação e proteção sempre foram desejos inconciliáveis que agora podem ser realizados ao mesmo tempo eo contato via internet seria, em tese, o caminho lógico para resolver essa questão. De fato, haverá perdas e ganhos durante o processo de instauração dessas novas formas sociais. Identidade, sociabilidade e afetividade estão sofrendo alterações constantes viabilizadas pelo virtual. O que está se configurando à nossa frente Turkle (2011) denomina “vida *mix*”, ou seja, uma vida na qual há mesclas do virtual e do real o tempo inteiro, não havendo uma distinção clara entre uma e outra. A tendência é que cada vez mais não possa haver limiares definidos entre uma vida e outra. O virtual e o real estão caminhando para tornarem-se um só e o humano para depender da máquina cada vez mais. Os dispositivos móveis tornaram-se extensão de

---

<sup>4</sup>Tradução livre: Você quer namorar meu avatar?

<sup>5</sup>Tradução livre: “Se você pensa que eu não sou o escolhido, desconecte! Desconecte e estaremos encerrados”.

nós; elementos complementares do nosso eu, das relações que desencadeamos, do modo como trabalhamos e dos momentos de lazer. A vida mix já é um fato consumado, o que esta é analisar os fatos que decorrerão dela daqui pra frente.

### Referências bibliográficas

Bauman, Zygmunt.(1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Zygmunt. (2003). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Zygmunt. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Zygmunt.(2004). *Amor Líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Zygmunt.(2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Brito, Ana Fátima de; Vieira, Claudia Simone. (2011) *Resenha do livro: Modernidade Líquida*. [online] In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIV, n. 90. Disponível em: <  
[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=9917](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9917)  
>. [Acesso em 2013, 14 agosto].

Illouz, Eva. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Recuero, Raquel da Cunha. (2004). *TEORIA DAS REDES E REDES SOCIAIS NA INTERNET: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs*. Porto Alegre.

Sennet, Richard. (2012). *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record.

Sloterdijk, Peter.(2006).*Esferas III. Espumas. Esferologia Plural*. Madrid: Siruela.

Turkle, Sherry. (2011). *Alone together. Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic books.